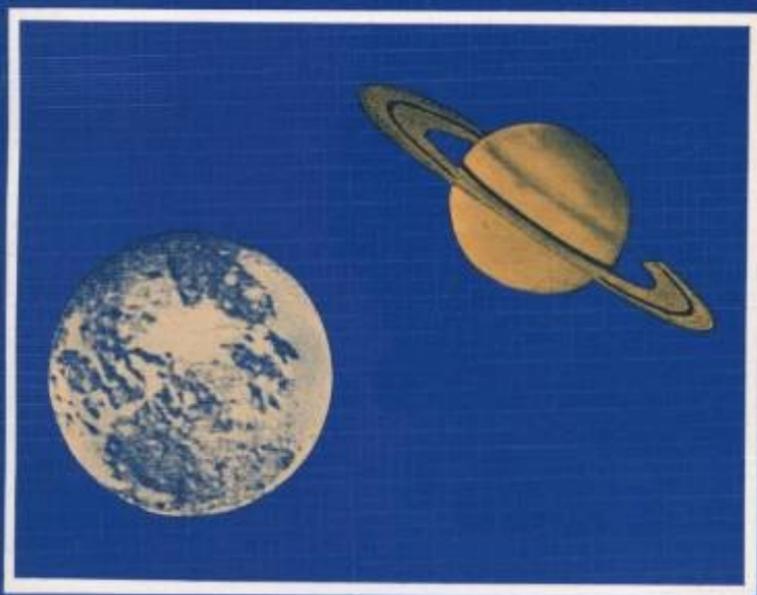


LIZ GREENE
e
STEPHEN ARROYO

Júpiter e Saturno

Uma nova visão da Astrologia moderna



PENSAMENTO

6. LUZ E SOMBRA

Liz Greene

Gostaria que vocês todos fizessem um pequeno exercício. Percam alguns minutos pensando no tipo de indivíduo que mais os irrita. Pode ser um tipo genérico de pessoa, ou alguma em particular que conheçam e que os aborreça. Comentem o seguinte em mente por um instante: o que, nesse indivíduo, vocês acham tão difícil?

Também gostaria que pensassem nas pessoas do seu próprio sexo que vocês tendem a idealizar. Se for um tipo genérico, conservem-no na mente. Se for alguém em particular, tentem perceber o que os fascina, que qualidades essa pessoa tem que vocês acham tão maravilhosas. Em terceiro lugar, reflitam um pouco sobre algum determinado grupo racial ou coletivo a respeito do qual vocês tenham qualquer tipo de preconceito, ou a respeito do qual tenham opiniões preconcebidas nas suas conversas. Também podem considerar qualquer grupo coletivo que vocês tendam a idealizar ou romantizar, que lhes pareça absolutamente maravilhoso ou heróico, digno da dedicação de uma vida. Pensem nisso por um momento.

Finalmente, considerem a política. Existe algum ponto de vista político, alguma ideologia em particular que absolutamente detestem, de modo que, toda vez que esse ponto de vista é levantado num grupo ou numa conversa, vocês fiquem muito irritados, sentindo-se compelidos a discutir? Da mesma forma, existe alguma tendência política ou ideológica em especial que vocês tendam a idealizar, que sintam que é a única verdade que pode salvar o mundo? Gostaria que se lembrassem dos resultados a que chegaram enquanto prosseguimos com a palestra desta manhã.

O tema desta palestra é "Quais aspectos da personalidade estão na luz e quais estão na sombra". Os pontos que pedi a vocês que considerassem estão muito ligados a esse tema. Como ninguém vai lhes exigir respostas, vocês podem ser honestos consigo mesmos. Não vão ter de escrever o que pensaram.

Gostaria de começar falando sobre o conceito de Jung da sombra. Como uma série de outros termos psicológicos, este está começando a se firmar na linguagem comum, pelo menos nos círculos astrológicos e psicológicos. Acho muito engraçado o fato de nós, astrólogos, podermos sair por aí dizendo; "Bom, sei que estou um pouco deprimido, mas é por causa do retomo de Saturno." Antigamente teríamos de dizer que era por causa de uma gripe, de alguma coisa que se comeu, de uma briga conjugal. Você pode até fingir ser terrivelmente esotérico, usando o simbolismo alquímico e explicando que está deprimido porque está no meio de um *nigredo*. E pode falar da sombra do mesmo jeito: "Desculpe, isso não era eu, era a minha sombra." Embora essa seja uma maneira muito boa de eludir a responsabilidade em relação ao próprio material psíquico, provavelmente é importante que possamos começar a pensar dessa forma e olhar as coisas nesses termos.

Quando Jung escreve sobre a sombra, deixa muito claro que ela não significa os erros da pessoa. A questão da luz e da sombra não lida com essas áreas pessoais em que sei que não sou tão maravilhoso quanto deveria ser, ou onde tenho plena consciência do meu problema. É fácil dizer: "sou sensível demais", ou "Sei que tenho a língua um pouco ferina." Podemos enumerar tranquilamente esses pequenos defeitos, e na verdade eles não constituem um grande problema. Não são, na verdade, a sombra, no sentido que Jung lhe atribui. Como se pode ter consciência desses pequenos defeitos pessoais e falar livremente sobre eles, mesmo que haja uma espécie de ligeiro embaraço, não há um problema profundo. É, antes, um tipo de desculpa superficial: "Desculpe, sou desse jeito." São coisas, a nosso respeito, que aceitamos em maior ou menor grau. Mas Jung escreve sobre a sombra como um profundo problema moral. O que pertence à sombra não pode ser visto, e é por isso que não se relaciona com esses defeitos que podemos enumerar. Um problema moral não é uma tranqüila posse de idiossincrasias superficiais. Pode originar profunda auto-repugnância. A experiência da sombra muitas vezes se parece com o que a pessoa define como mau, repelente, detestável. A sombra pode implicar partes nossas que absolutamente não desejamos possuir. Não queremos ter nada a ver

com elas, porque sua posse significa carregar uma espécie de cruz. Não se pode considerar a sombra levemente (Trocadilho em inglês jogando com a palavra *lightly*, que tanto significa "levemente" como "luminosamente"). Não é muito fácil brincar com a sombra. Geralmente é uma questão muito dolorosa. Porque alguém que tenta ser bom e decente deva ter uma coisa desse tipo, se arrastando atrás de si, é realmente uma questão metafísica. Porque deveria haver, no indivíduo, determinadas qualidades completamente em desacordo com tudo que a pessoa defende? Por que a pessoa reprime a sombra com tal força, e sofre tanto quando é obrigada a reconhecê-la? Acho que é impossível responder a essas perguntas sem se tornar muito teórico e filosófico. Simplesmente é assim. O mistério do lado da sombra da personalidade recebe muita importância nos contos de fadas, e embora estes nunca tentem responder a perguntas metafísicas, geralmente mostram muita sabedoria sobre o significado das coisas. Assim, gostaria de mencionar alguns pontos pertinentes sobre a figura da sombra, conforme aparece no folclore e nos contos de fadas. A melhor pessoa que há para ler sobre esse tema é Marie-Louise Von Franz (*O significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fada*, Ed. Cultrix, 1985.), que escreveu um livro sobre a sombra nos temas dos contos de fadas. Vou usar muita coisa do trabalho dela.

A sombra tem muitas faces diferentes, e uma que aparece com grande regularidade nos contos de fadas é a da criatura deformada. Muitas vezes, essa criatura é um anão, como Rumpelstiltskin. Às vezes, é uma criatura que já foi humana mas foi transformada em sapo ou besta. Existe algo muito grotesco sobre esse tipo de imagem. Ela é atrofiada, aleijada, torta, deturpada. Geralmente é muito feia e muitas vezes maligna, e em geral aparece no ponto do enredo em que tudo está num impasse, há uma estagnação ou uma parada. Essa figura grotesca surge e perturba ou obstrui tudo, ou lançando uma maldição, ou roubando uma criança, ou pregando uma peça ou propondo um trato mortal. Frequentemente a criatura rouba crianças, ou propõe um acordo com os pais para obter a vida da criança. Para dar uma idéia a respeito, há um grupo de contos que sempre começa com um personagem, tal como um moleiro, um fazendeiro ou um mercador. O moleiro ou o mercador de repente perdeu todo o seu dinheiro, e um dia encontra na floresta uma dessas figuras atrofiadas e malévolas, como um anão ou um duende. O anão chega e diz: "Ouvi dizer que você está sem dinheiro"; e o moleiro responde: "Sim, de fato estou bastante desesperado." Então o anão diz:

"Vou lhe dizer uma coisa, se você me der o que está atrás do seu moinho neste momento, eu lhe dou todo o ouro que você quiser." Ou, então: "Prometa-me o que se esfregar nas suas pernas logo que você entrar em casa, e o farei rico."

O moleiro ou mercador sempre cai cegamente, pensando: "Ah, não deve ser nada muito importante. A única coisa atrás do meu moinho é a minha velha macieira." Ou conclui que a única coisa que poderia se esfregar em suas pernas é seu velho cão. Então o moleiro sempre faz o trato com o anão maligno, vai para casa e descobre, horrorizado, que é a sua linda filha que está atrás do moinho, ou seu filho que se esfrega em suas pernas quando entra em casa. É no momento em que a pessoa perde sua riqueza ou seus valores que a sombra se insinua, e apela para o seu desespero. A sombra diz: "Não se preocupe, posso conseguir-lhe tudo que deseja. Mas, em troca, quero a vida do seu filho, o seu verdadeiro potencial, os seus mais altos valores." Todo o trecho do conto de fadas sempre depende dessa interação crítica. Sem ela, não haveria história. A figura da sombra tem como função forçar o desenvolvimento dos personagens, porque agora eles têm de sair da confusão em que se meteram, de uma forma não tentada antes. No final da história, sempre há alguma redenção, levando a um estado maior ou melhor do que o que havia no começo, antes de o moleiro perder sua riqueza.

Outra face que a sombra usa nos contos de fadas, além dessa cara feia e deformada, é a da bruxa ou feiticeira. Geralmente, o que está em jogo com essas figuras é o poder. Isso nos diz outra coisa sobre a sombra. O anão diz uma coisa, isto é, que ela surge sob a forma da nossa parte disforme, aleijada ou feia. A bruxa e a feiticeira nos dizem que a sombra se preocupa com o poder de um determinado tipo. Acho que é uma generalização dizer que a sombra sempre se preocupa com o poder, mas muitas vezes esse é o caso, e ela se insinua por meio de qualquer fenda na armadura, qualquer área de dúvida sobre si mesmo, de avarias ou de inadequação.

Alfred Adler se preocupou muito com esse problema do poder. Escreveu sobre seu conceito do complexo de inferioridade e a vontade do poder, que é a sua compensação. Parece que nunca se interessou de fato por qualquer outra dinâmica da psique além desta, mas ele é muitíssimo relevante sobre esse ponto em particular. Parece estar falando de um retrato muito íntimo da sombra. Ali, onde a pessoa se sente infantil e sem poder, impotente e sem valor, a criança machucada foge em silêncio, rejeitada e desamparada, e retorna com um amigo muito perigoso.

Frequentemente, esse amigo é muito grande e poderoso, vestido como bruxa ou feiticeira. Esse amigo diz à criança amedrontada: "Não se preocupe, vou tomar conta de você. Não vou deixar ninguém ferir você novamente. Vou controlar todo mundo e não vou deixar que ninguém atinja você." Uma figura típica dessa espécie é a rainha perversa de Branca de Neve, que se olha no espelho e exige ser a mais bela de todas. Ela não tolera a concorrência ou o relacionamento com qualquer outra mulher. Esta é a figura da sombra. Essas figuras, nos contos de fadas, paralisam o herói ou a heroína, escravizam-nos. Se você é pego por uma sombra dessas, ela detém qualquer fluxo criativo na sua vida, pois você fica ocupado demais se defendendo e controlando os outros. Por causa dessa paralisia, sempre é preciso haver um príncipe ou uma princesa na história, que passa pelo teste, desempenha uma tarefa ou executa um ato de redenção. A sombra provoca o redentor. Portanto, mais uma vez, essas figuras são responsáveis por toda a dinâmica da história. Sem elas, não haveria desenvolvimento.

Outra face da sombra é o companheiro rústico. O companheiro rústico corre ao lado do herói ou da heroína, e muitas vezes aparece com a roupa de um mendigo. Algumas vezes é alguém brutal. Apesar disso, embora seja grosseiro, rude e bárbaro, na hora crítica é ele quem sabe o caminho para atravessar a ponte, ou a floresta, ou o encantamento para neutralizar a bruxa. Às vezes é um animal solícito, como uma rã, um cachorro, um cavalo. Isto também nos diz alguma coisa sobre a sombra, ou seja, muitas vezes ela é instintiva, bárbara e rude. Mas conhece o caminho da natureza e é muito sábia quando os métodos civilizados falham, embora não seja suficientemente apresentável para levá-la a uma festa.

Uma das coisas mais interessantes que se pode fazer comum horóscopo é examiná-lo do ponto de vista do que está no escuro e do que está no claro. Já falei bastante desse tema no que diz respeito aos relacionamentos, mas hoje gostaria de trabalhar em especial com a figura da sombra, porque a sombra geralmente veste a máscara do próprio sexo da pessoa. Não acredito que esta seja uma regra infalível, mas em geral o problema da máscara não é de atração ou repulsa sexual. Com mais frequência se relaciona com o problema de aceitar a própria sexualidade, a própria masculinidade ou a própria feminilidade. Parece que qualquer coisa no horóscopo pode cair na sombra. Qualquer ponto do mapa pode ser conveniente para essa figura. Falei antes sobre os elementos que faltam. Esses elementos que faltam não apenas têm a ver com o tipo de pessoa pela qual nos apaixonamos, mas também com

o lado escuro da alma. Os aspectos planetários também podem ter muito a ver com a sombra, assim como com o tipo de pessoa do sexo oposto que nos fascina. Certos pontos do mapa, como o Descendente e o Fundo-do-céu, ou FC, também têm muito a ver com o que cai na sombra na personalidade.

Primeiro vou dizer alguma coisa Sobre o FC, porque esse ponto freqüentemente é omitido no horóscopo. O Meio-Céu, ou MC, geralmente parece estar relacionado com a forma como desejamos aparecer aos olhos da coletividade. O ponto oposto, o FC, parece relevante em termos do que não queremos que a coletividade veja. O signo que está na base do mapa é a área de escuridão, o lugar da menor declinação do Sol, e é um dos pontos de maior vulnerabilidade para a entrada da sombra.

Se vocês se lembram das perguntas que fiz na começo, sobre o tipo de pessoa e de grupos que os irritam, ou que os antagonizam, e o tipo de pessoa e de grupos que vocês idealizam, observem que signo está colocado no FC do horóscopo de nascimento e quais são suas qualidades específicas. Da mesma forma, podem observar que signo cai no Descendente. Há algo muito estranho sobre a relação entre o que amamos e o que detestamos. Com muita freqüência, é a mesma coisa, de uma forma ligeiramente diferente. Se você pegar essas duas imagens do que idealiza e do que despreza e colocá-las lado a lado, pode ver que ambas têm a mesma raiz. É a mesma figura usando uma roupagem diferente.

Por exemplo: se você tem Touro no Ascendente e é característico deste signo, pode ser que despreze as pessoas que não são abertas, que não agem às claras. Toro geralmente não gosta das pessoas que parecem ser reservadas ou manipuladoras, que não são diretas, ou que complicam as coisas e provocam crises onde poderia haver paz e tranqüilidade. Mas, ao mesmo tempo, Touro fica fascinado com pessoas que têm algum mistério a seu respeito, que não são fáceis de interpretar e que parecem ter percepções mágicas da natureza humana. É a mesma figura. Se ela não lhe agrada, é má, escorregadia e traiçoeira; e se ela lhe agrada, é densa, profunda e forte. Os dois lados estão contidos no Escorpião do Descendente. Se você tem um Meio-céu aquariano, é provável que apresente ao mundo a face tolerante e humanitária de Aquário, maravilhosamente razoável, justa e preocupada com os direitos dos outros. Pode ser que despreze e deteste as pessoas egocêntricas que se engrandecem a expensas do grupo e socialmente chamam muito a atenção. Pode ser que você se aborreça profundamente com o exibicionista que se coloca á frente dos outros,

pois acredita que todo mundo é especial e faz juz aos mesmos direitos e benefícios. Entretanto, pode ser que você tenha uma enorme admiração pelas pessoas criativas, pelo artista capaz de ignorar a todos e se fechar num quarto durante cinco anos e criar um belo quadro ou uma esplêndida novela. A pessoa que cria assim, é claro, precisa ser suficientemente megalômana para acreditar que sua visão é importante o bastante para ser vista ou lida por todos. Mas Aquário, frequentemente, idealiza o artista, deixando de perceber que todo artista precisa, necessariamente, ser egoísta e desapiedado em relação às exigências e direitos dos outros. Mais uma vez, é a mesma figura, vista de formas opostas.

Outro exemplo poderia ser um Ascendente em Gêmeos, frio, racional, inteligente, nunca levando as coisas muito a sério. Gêmeos adora brincar com palavras e idéias, como o malabarista brinca com bolas. A informação interessa a Gêmeos, que é o repórter e o observador da vida. Gêmeos sempre se lembra da piada ou nota a pequena idiossincrasia a respeito das pessoas que ninguém mais lembra ou nota. Mas, com o Ascendente em Gêmeos, é provável que tudo seja interessante e nada seja apaixonante. A paixão e a intensidade podem ser aborrecidos e até mesmo assustadoras. Você pode realmente não gostar do fanático, do propagandista que acredita ardorosamente em alguma coisa, mas que não pode ser incomodado com fatos. Ou você pode desprezar as pessoas que tornam públicas e patentes suas crenças, que se atiram às coisas, demonstrando uma emoção selvagem, seja em relação a alguém ou a alguma filosofia. Alguém muito comprometido com uma religião ou com uma filosofia pode realmente irritar Gêmeos - aquele tipo que aborda os outros na rua dizendo "Você precisa entrar para a Cientologia" ou "Você já está salvo?" ou coisas do gênero. Gêmeos se esquiva disso porque é intelectualmente sofisticado demais para acreditar que existe apenas uma verdade. Entretanto, você pode admirar secretamente a pessoa capaz de uma verdadeira visão espiritual, de um verdadeiro comprometimento, que se lança apaixonadamente à vida. Você pode idealizar a pessoa que tem imaginação e intuição, e nunca perceber que o mesmo fogo inspira as duas figuras.

Se você se identifica muito acentuadamente com um determinado conjunto de qualidades da sua própria natureza, quando o oposto vem à superfície ou aparece em outra pessoa, geralmente o resultado é a repugnância. Frequentemente é uma profunda repugnância moral, uma verdadeira aversão pelo que a outra pessoa representa. Não é só um desinteresse ou desgosto fortuito. A sombra deserta uma raiva

muito desproporcional à situação. Você não ignora simplesmente o fanático com seus folhetos na esquina. Você sente vontade de dar um soco nele. Por que deveria haver esse tipo de raiva ou repulsa? Se você penetrar profundamente nos sentimentos que rodeiam esse confronto com a sombra, verá que a sombra é vivenciada como uma terrível ameaça. Dar à sombra qualquer reconhecimento ou aceitação é uma espécie de morte. Se você estiver disposto a conceder nem que seja alguns centímetros de tolerância, compaixão ou valor, todo o edifício do ego é ameaçado. Clara que quanto mais rígido e entrincheirado você seja em uma determinada postura, ou em uma determinada auto-imagem, tanto mais ameaçadora se tornará a sombra. E isso é particularmente doloroso porque às vezes você precisa admiti-lo e, ao mesmo tempo, fazer a opção moral de não agir dessa maneira.

Há algum tempo atrás, fiz o mapa de uma mulher de Aquário com Capricórnio no Ascendente. Seu horóscopo continha uma série de contatos muito fortes de Saturno, a maioria trígono e sextis, e para ela era terrivelmente importante ser auto-suficiente. Ela se orgulhava de sua capacidade e de sua força. Tinha criado dois filhos até a idade adulta, num casamento sem amor com um marido muito fraco e que não a ajudava.

Tinha construído uma bem sucedida carreira na área bancária. O que ela nunca podia admitir para ninguém era um sentimento de desamparo, necessidade ou dependência. Preferia sofrer em total silêncio a demonstrar qualquer tipo de necessidade que pudesse torná-la vulnerável aos outros. Precisava de um marido que não ajudasse, porque um marido que a ajudasse a teria forçado a enfrentar a sua sombra. Quando começamos a falar sobre essas questões, ela me contou um sonho que tinha se repetido duas ou três vezes e que a tinha perturbado. Em seu escritório trabalhava uma mulher que ela detestava. No sonho, ela estava em casa e essa mulher bateu à porta e pediu para entrar. Ela ficou muito brava e bateu a porta na cara da mulher.

Pedi a ela que me falasse sobre a outra mulher. Minha cliente disse: "Ah, eu não a suporto. Acho que ela é absolutamente detestável." Eu disse: "Bom, o que detesta nela?" Então ela me contou que essa mulher, mais ou menos vinte anos mais nova que minha cliente, era "uma dessas recepcionistazinhas bobas". Parece que essa mulher mais jovem se magoava facilmente, chorava muito e fazia o papel da desamparada com todos os homens do escritório. Estava sempre pedindo ajuda e fingindo que não sabia fazer as coisas, mesmo quando sabia, de modo que os outros tinham de ajuda-la. Minha cliente ficava

usando os adjetivos mais acusatórios – a jovem era fraca, falsa, horrorosa, repugnante. Uma das formas em que se pode ver claramente essa dinâmica da projeção da sombra é nos adjetivos, que são sempre extremados. Minha cliente não conseguia dizer simplesmente: "Não aprovo essa mulher." E assim ela continuou por algum tempo. Ai eu disse: "Você acha que o comportamento dessa mulher pode ter alguma coisa a ver com você?" E a resposta foi um rápido: "Claro que não!" A essa altura da interpretação do mapa ela fez exatamente o que tinha feito no sonho: bateu a porta para não deixar a sombra entrar. Depois de algum tempo, mudei de assunto. Esta era uma figura da sombra, e a minha cliente reagiu de uma forma bem típica.

Vocês vêem que a questão da sombra não é uma questão de admitir defeitos. É uma questão de estremecer nas bases quando se percebe que a gente não é o que aparenta - não apenas para os outros, mas também para a gente mesma. A sombra nos lembra que, se a deixamos entrar, pode abalar violentamente o que mais valorizamos. Minha cliente, com sua acentuada personalidade saturnina, tinha construído toda a sua vida e a sua auto-imagem sobre uma orgulhosa auto-suficiência. A sombra ficava batendo á porta, e ela continuava não permitindo a sua entrada. A repugnância geralmente esconde um medo muito profundo, o medo de ver aniquilado o eu que conhecemos.

Acho que, quanto mais velha a gente fica, mais difícil é encarar essa ameaça de ver destruído tudo que se construiu na vida. Clara que não precisa significar a destruição, mas esse é o medo. Quanto mais cristalizada se torna a personalidade, quanto mais forte fica o ego, quanto mais dura for a sua luta para conseguir o que se quer, tanto mais difícil se torna a questão. Se você exerceu auto-restrição ou autonegação para atingir algum valor ou algum ideal, o confronto fica mais doloroso, porque permitir a entrada da sombra pode significar que todo o castelo de cartas vai desmoronar.

Assim, podem ver porque há medo e repulsa. Não é só um desagrado à-toa. É uma ameaça aos valores estabelecidos. Quanto mais desequilibrados somos, mais lutamos para manter a figura de fora. Mesmo que minha cliente percebesse que sua horrível colega era, na verdade, a imagem de alguma coisa dentro dela mesma, não me agradeceria por mostrar-lhe esse fato. Em algumas culturas primitivas, existe o costume de nunca se pisar na sombra de alguém. Isto é literal - nunca ande sobre a sombra que a pessoa molda à sua frente ou atrás de

si. Parece haver uma grande sabedoria psicológica nisso, pois o que seu melhor amigo não lhe diz é com o intuito, corretíssimo, de preservar a amizade. Se alguém, em nome da verdade clínica, decide contar-lhe sem rodeios tudo a respeito de sua sombra, provavelmente você vai acabar detestando essa pessoa durante um longo período. Não há forma de ouvir alguém que toca nesse ponto inconsciente sensível sem sofrer uma reação bastante forte.

Auditório: Mas, então, como você entrou no assunto da sombra com a sua cliente aquariana?

Liz: Nesse caso específico, eu não disse: "Ah, você finge ser realmente dura e auto-suficiente, mas na verdade está desesperada, gostaria de ser capaz de ter um colapso e ficar desamparada para variar." Falei sobre o senso de responsabilidade e autocontrole de uma forma mais lisonjeira, e então sugeri que talvez ela fosse, às vezes, muito dura consigo mesma e precisasse ser capaz de pedir ajuda aos outros, ocasionalmente. Ela se mostrou muito amarga a esse respeito; alegou que se ninguém estava disposto de verdade, a ajudá-la, qual a vantagem de pedir? Foi a essa altura que mencionou o sonho, como se dissesse: "Veja como trabalhei duro a vida toda, e agora tenho de aturar essas pessoas horríveis que conseguem as coisas a troco de nada." Interpretei o fato de ela mencionar o sonho como uma espécie de pedido inconsciente de iluminação.

Auditório: Suponho que o sonho, em primeiro lugar, foi uma espécie de mensagem.

Liz: Sim, também acho. Se uma figura como erva aparece num sonho recorrente, está tentando entrar na consciência. O fato de a figura bater à porta fala por si só. Os sonhos sempre precedem aquilo de que temos consciência. Assim, se uma figura emerge num sonho e a pessoa se retrai, pode ser preciso deixar como está por algum tempo até que a pessoa esteja mais preparada.

Auditório: Você notou que, possivelmente, se a pessoa tem uma Casa fortemente acentuada no horóscopo, ou seja, vamos dizer, a primeira Casa, dando-lhe uma espécie de qualidade de Áries, a sombra para essa pessoa pode estar vinculada às qualidades naturais do signo associado com a Casa oposta?

Liz: Sim, pode aparecer dessa forma. Não há forma de pegar um mapa e dizer: "A sombra pertence a A, B e C." Sem dúvida pode assumir a forma de uma Casa vazia oposta a um *stellium*. Também pode assumir a forma do signo oposto ao signo solar.

Auditório: No caso da sua cliente, a sombra lembra o signo do Descendente.

Liz: Você tem toda razão. Minha cliente tinha Capricórnio ascendendo, e sua figura de sombra sem dúvida tem qualidades tipicamente cancerianas.

Auditório: Você poderia dizer alguma coisa sobre os parâmetros de tempo em relação ao que o sonho está dizendo? O sonho pode acontecer muito tempo antes de as coisas começarem a se mostrar na vida da pessoa?

Liz: Pode ser muito tempo antes, pode ser dois dias. Simplesmente não se sabe. Há sonhos da infância que norteiam, às vezes, todo o padrão de vida. Na realidade, só se pode determinar esse tipo de coisa em retrospecto. A única pista que se tem é quando o sonho determina o tempo claramente. Algumas vezes, as imagens do sonho aparecem com uma data explícita. Recentemente, uma pessoa me contou um sonho no qual tinha dado à luz um bebê prematuro com um cabelo muito esquisito, e para a sonhadora esse cabelo representava uma quantidade de coisas que ela achava que estava lutando para encontrar. O bebê, no sonho, nasceu depois de quatro meses de gravidez, e precisou de muito cuidados até chegar ao tamanho normal. Só dali a cinco meses o bebê seria normal. Isto poderia ser uma sugestão explícita de tempo por parte do inconsciente. Por outro lado, poderia não ser. O sonho poderia só estar dizendo que alguma coisa vai emergir um pouco cedo demais e vai precisar de muitos cuidados. Nunca se sabe com certeza.

Auditório: Você acha que esse tipo de coisa surge com determinados trânsitos?

Liz: Acho. Eu queria falar sobre isso. Saturno e Plutão, por progressão ou trânsito, parecem ser os planetas mais fora do comum quando se trata de questões de sombra. E a mulher de que eu estava falando estava no meio do seu segundo retorno de Saturno. Assim, o aparecimento da figura da sombra nessa época é muito congruente. Evidentemente, Saturno tem muito a ver com a sombra. O signo de Saturno, a Casa em que está localizado, os aspectos que faz, tudo isso pode ter algo a dizer sobre a sombra. Mas não é a única coisa no mapa que deve ser considerada.

Acho que devemos ser muito cuidadosos no sentido de não tomar isso muito ao pé da letra e ir direto a um determinado ponto do mapa dizendo: "Ahá! Olha aí a sombra!" Um dos problemas com esse lado escuro da personalidade é que assim que você começa a lançar alguma luz sobre ele, descobre uma escuridão ainda mais profunda. Não

pára. Não é um processo em que você apanha o sujeito e ele vai embora. Tudo que acontece é um aprofundamento, revelando mais traços coletivos. Onde quer que esteja a sua luz da consciência, sempre haverá uma área de sombra. Quando você começa a trabalhar com os aspectos mais pessoais da sombra, toda a personalidade é ampliada. Mas aí a sombra se torna mais profunda, e você começa a se deparar com mais aspectos arquetípicos. Você começa a atingir figuras como as que mencionei antes, como a terrível górgona que castra e o psicopata que não tem sentimentos por ninguém. Essas são figuras muito mais arquetípicas.

Mesmo o Ascendente pode ter uma ligação com a sombra. Com muita freqüência, o Ascendente é um ponto no horóscopo do qual a pessoa não gosta nem um pouco. Encontrei muita gente que, quando digo o signo do seu Ascendente, responde: "Ah, não! Pensei que meu Ascendente fosse Gêmeos. Não quero ter Touro ascendendo, é muito aborrecido." Ou então: "Ah, que horror. Eu não queria ter Câncer no Ascendente, eu realmente não suporto os cancerianos, minha mãe é de Câncer." Ou dizem que eu devo ter errado nos cálculos, porque o signo parece tão completamente diferente do que eles são; não pode estar certo. Tenho ouvido isso mais vezes com Capricórnio e Escorpião no Ascendente, porque esses signos têm sido um tanto difamados. Com muita freqüência, parece que o Ascendente se comporta como uma figura autônoma. Você vê isso principalmente quando o resto do mapa tem um sabor muito diferente, vamos dizer, um mapa quase todo de ar e fogo e então com Capricórnio ou Touro no Ascendente. Se seu mapa é muito fraco em um determinado elemento e esse elemento aparece no Ascendente, quase com certeza a sombra vai ter algumas das características daquele signo. E você descobre que outras pessoas nascidas naquele signo tendem a surgir na sua vida com uma freqüência maior que a normal.

No fim das contas, o problema com a sombra é se relacionar de fato com ela, não apenas concebê-la intelectualmente. Isso é uma das coisas mais difíceis do mundo, porque coloca um problema moral. Parte desse problema moral é viver ou não as qualidades da sombra. É um dos piores dilemas do trabalho analítico, tanto para o analista como para o analisado. Quando a sombra se delineia e começa a entrar na consciência, a pessoa é carregada com o fardo da ambivalência. Se a sua vida tem sido muito convencional e correta, e a sombra aparece como um vagabundo dionisíaco trazendo uma garrafa embrulhada num saco, um monte de fotos pornográficas e alguns vírus de gonorréia; o

que é que o pobre individuo vai fazer com ela? Destruir toda a sua vida, fugir e se tornar a sombra? Se tiver um mínimo de sentimentos, isso vai angustiá-lo terrivelmente, porque não existe nada parecido com a decisão certa. Será que ele deveria descobrir um modo de vivenciar essa figura num nível mais simbólico? Será que deveria simplesmente aceitar o fato de que a sombra está lá, reprimi-la firmemente e continuar com sua vida anterior?

Para esse tipo de dilema, aparentemente não há nenhuma fórmula ou resposta que funcione de forma geral. Em parte, é por isso que o julgamento é tão irrelevante nessa esfera. Para uma pessoa, pode ser necessário vivenciar a sombra, porque sua vida é muito carente de verdadeira vitalidade, e a figura da sombra é que tem toda a energia. O preço pode ser muito alto, pois isto pode significar a destruição de uma série de coisas às quais a pessoa se ligou. Mas ela pode sentir que vale a pena, porque a vida vivida antes foi, num certo sentido, uma mentira. Mas uma outra pessoa pode achar mais conveniente conter a sombra e tentar adquirir algumas das qualidades interiormente, dentro das fronteiras dos valores do ego. É duro dizer qual desses caminhos é o mais doloroso, porque ambos são muito difíceis. Para uma terceira pessoa, a sombra pode representar valores tão primitivos que pode ser conveniente sacrificar seus desejos. Este, claro, é um caminho mais espiritual. A sombra de um santo não vai ser muito bonita, e parte da jornada espiritual é enfrentá-la e em seguida negá-la. Simplesmente não há forma de saber a maneira certa de lidar com a sombra, até que chegue a hora. E, mesmo, então, nunca há uma resposta certa para a questão.

Uma das questões que acho mais crítica sobre a figura da sombra é que é impossível enxergá-la um pouco e dizer em seguida: "Muito bem, já tenho uma noção dela. Agora preciso encontrar um jeito de transformá-la." Esta é uma reação mais ou menos inevitável quando encontramos alguma coisa que achamos feia, disforme ou estragada. É característica, principalmente, de um temperamento mais idealista, tal como o das pessoas que têm muito ar no mapa. Assim que se assume essa postura em relação à sombra, a sombra revida. Na medida em que achamos que ela é feia, torna-se mais feia. Na medida em que achamos que é o inimigo, ela nos declara guerra.

Que tipo de passo seria necessário para se poder aceitar o fato de que é possível que a sombra nunca mude? Há outro livro que gostaria de recomendar a vocês, escrito por James Hillman, *The Dream and the*

Underworld. Embora eu ache que James Hillman gosta de assumir pontos de vista contrários aos de todo o mundo só para agitar as coisas, ele faz algumas colocações muito valiosas. Nesse livro, ele trata dessas figuras feias e deformadas que emergem do submundo da psique, que são uma experiência totalmente horrível para o analisado. Ele ataca a postura típica do psicoterapeuta em relação a essas figuras, isto é, no sentido de que elas devem ser curadas e tornadas normais. Claro que elas resistem a todos esses esforços, e Hillman sugere que essa resistência pode ser perfeitamente válida, que pode haver uma necessidade psíquica para a patologia. Pode-se levar anos e anos na análise, na esperança de que a sombra subitamente se transformará e se tornará branca e luminosa, e freqüentemente isso não acontece. A ferida simplesmente nunca cicatriza. Esse livro é uma espécie de guia turístico da geografia da sombra. Hillman usa uma quantidade de material mítico. Escreve sobre Tártaro, a região do mundo subterrâneo onde se encontram figuras como Sísifo, eternamente empurrando sua rocha morro acima. Sísifo é a imagem de uma coisa que nunca muda, mas, dá voltas e voltas e retorna sempre à mesma ferida.

Auditório: Isso é um pouco parecido com o que você estava dizendo a respeito de Plutão.

Liz: É muito parecido com Plutão. Toca num assunto de que eu estava falando com relação a Plutão - se você quiser trabalhar criativamente com esse lado da vida, acho que precisa estar preparado para aceitar a possibilidade de que nunca vai ficar "melhor", no sentido comum. No momento em que você se aproxima desse tipo de aceitação, abre-se a possibilidade de achar algum significado e conseguir um relacionamento autêntico com a sombra. Mas se ficar tentando curá-la, você garante a sua eterna inimizade.

Creio que uma parte do que é necessário é a disposição de vivenciar a verdadeira auto-repugnância. E quem deseja isso? Quem de nós tentaria, de fato, cultivar uma tal qualidade? Sem dúvida isso não soa como um típico objetivo de autodescoberta. Quem deseja acreditar que há uma parte da personalidade que é aleijada e nunca vai sarar? Claro, isso é tudo que o histérico cultiva, andando por aí e mostrando para todo o mundo: "Veja como sou medonho e horrível, como você agüenta ficar perto de mim? - e assim por diante. Mas isso não é realmente o que quero dizer com auto-repugnância autêntica. Isso absolutamente não é repugnância. Há uma imensa satisfação nisso. Mas se você tem um certo senso da própria vaidade, e então se separa com

a sombra disforme, sua própria integridade tornará difícil justificá-la. Qualquer relacionamento que você tenha, qualquer intimidade com outra pessoa, vai expô-lo ao risco de que mais cedo ou mais tarde aquela figura da sombra vai se tornar conhecida. E se ela não vai mudar, então você nunca pode se sentir realmente satisfeito com aquele relacionamento. Quantos de nós estão realmente preparados para assumir tal risco? Assim, vocês vêem porque Jung enfatiza tanto o dilema moral do maior alcance quando escreve sobre a sombra. É um desafio para a personalidade como um todo.

Agora, gostaria de falar um pouco sobre a identificação com a sombra. Isto significa que você se vê nessa figura, cai dentro dela. Geralmente isso ocorre sob a forma de estado de espírito. É um dos principais componentes de grande parte das depressões. A pessoa desaba nos braços da sombra e fica deprimida porque se sente disforme, repugnante ou feia. Muitas vezes, pode ser uma experiência muito produtiva e importante, principalmente se acontece com alguém que culpa os outros por tudo de mal que lhe acontece na vida. É uma reação característica de uma progressão ou um trânsito de Saturno - descobrimos algo repulsivo no porão, que por algum tempo é estilhafta.

Mas há pessoas nas quais a identificação com a sombra é um estado mais ou menos permanente. Se é uma sombra particularmente negra, o indivíduo pode se tornar um dos proscritos da sociedade. É aquele que assume a sombra coletiva. É muito comum encontrar essas pessoas carregando o lado escuro de uma família e, nesse caso, são bodes expiatórios ou os que ostentam os sintomas. Eles desempenham todo o mal para a família, e o resto da família é conivente com isso porque assim todos se sentem melhor. Por razões talvez muito misteriosas, eles se identificam não apenas com a sua própria escuridão, mas também com a sombra arquetípica. A sociedade os vê como o mal, e eles se vêem como o mal. De boa vontade, carregam o nosso mal, e conseqüentemente sentimos muito medo deles.

Auditório: Parece que isso aconteceu com muitos veteranos do Vietnã. Todo mundo os culpa pelo que aconteceu no Vietnã.

Liz: É, este é um bom exemplo. Outro exemplo é alguém como Peter Sutcliffe. Vocês sabem quem ele é? Desculpem, ele foi chamado o Estripador de Yorkshire. Na Inglaterra, há menos assassinos em massa do que nos Estados Unidos e, quando aparece algum, ocupa as manchetes dos jornais durante meses. Este homem conseguiu evitar ser preso durante muito tempo. Sua especialidade era assassinar mulheres.

Algumas eram prostitutas, outras eram, presumivelmente, mulheres que ele achava serem prostitutas. Quando foi finalmente capturado e levado a julgamento, surgiu um enorme dilema sobre a questão de ele ser mau ou louco. De um lado havia um largo segmento da população dizendo: "Este homem é o mal, e deve ser punido com prisão perpétua." Se ainda houvesse pena de morte na Inglaterra, a grita seria para que o enforcassem. Para essas pessoas, não havia dúvidas sobre Peter Sutcliffe. Ele era o mal, e portanto merecia ser destruído ou ser punido com o que mais se aproximasse da destruição.

Do outro lado da cerca, outro grande segmento da população, incluindo muitos psiquiatras e assistentes sociais, dizia: "Este homem está doente. Comportou-se dessa forma porque teve uma infância horrível. Sua esposa o levou a isto." Desencavaram o fato de sua esposa ser esquizofrênica e ter tornado sua vida intolerável. Falaram sobre sua infância medonha. Sugeriram que Peter Sutcliffe não era responsável por seus atos, deveria ser julgado de acordo com sua responsabilidade limitada já que era um homem doente e a sociedade tinha o dever de cuidar dele e tentar curá-lo.

Esses eram os dois pontos de vista em relação ao processo. O julgamento se tornou o paradigma de um dilema moral muito profundo, que na minha opinião diz respeito, de perto, à questão da sombra. Inevitavelmente, surge uma pergunta: Será que esse lado escuro da personalidade é o mal, ou será que foi deturpado porque a sua mãe o rejeitou, seu pai bateu em você, sua infância foi infeliz e cheia de privações? Conforme o lado da cerca que você escolhe, sua atitude em relação à sombra se altera.

Não sei qual é a resposta. Vejo verdade nos dois pontos de vista. Sei que minhas reações em relação a Peter Sutcliffe eram ambivalentes, e fiquei muito feliz por não ter de julgar um problema desses, porque me sentiria extremamente constrangida por qualquer veredicto. Suspeito que a sombra seja tanto má como deturpada, mas você pode igualmente dizer que é o mal que atrai a rejeição e a conseqüente deturpação, ou que a deturpação gera o mal. Isto também levanta todo o problema do que constitui o mal para nós. De onde vem? É uma força independente, ou uma reação a alguma coisa? Existe realmente um diabo arquetípico, ou o diabo é um produto da miséria humana, nascido nas pessoas cuja forma foi tão desfigurada até se tornar insuportável? Se uma pessoa é desfigurada dessa maneira, ela pode se identificar com a escuridão e com a necessidade de poder e

destruição. Essas necessidades estão presentes em todos nós. Mas por que algumas pessoas caem nelas e outras não, é um grande mistério.

Auditório: Como é o mapa de Peter Sutcliffe?

Liz: Eu não vi o seu mapa.

Auditório: E qual foi o resultado do julgamento?

Liz: O resultado do julgamento foi que decidiram que ele era mau e não louco. O veredicto foi prisão perpétua. O julgamento foi muito confuso. Peter Sutcliffe alegava ouvir vozes ordenando que matasse as prostitutas. Isto foi posto em dúvida, e o psiquiatra, que inicialmente achava que deveria ser atribuída responsabilidade limitada ao réu por causa das vozes, passou a admitir que acreditava ter sido enganado. Aparentemente, Peter Sutcliffe observou cuidadosamente o comportamento esquizofrênico de sua mulher, porque ela ouvia vozes. Percebeu rapidamente que, se alegasse também ouvir vozes, pegaria uma sentença muito mais curta e tratamento psiquiátrico numa prisão muito melhor. O julgamento todo se concentrou em torno do problema de ele ter ou não cometido os crimes voluntária e conscientemente. Esse é um problema incrivelmente complicado. É claro que, se você ouve vozes, está definitivamente louco, mas se não ouve, não é muito fácil decidir.

Também há figuras de grande luz, assim como figuras de grande escuridão, que podem ser relacionadas com a sombra. Isto pode parecer paradoxal, mas a sombra pode conter qualidades divinas, e não é necessariamente má. O que está na sombra na psique é o que está além do círculo da percepção consciente. Assim, se a sua auto-estima é muito baixa e você tende a se enxergar como um desperdício de tempo, um fracasso generalizado na vida, como o Homem Elefante que não espera muito porque sabe que é grotesco, então a sombra pode aparecer como um redentor, um super-homem. Pode ser nada menos que a figura de Cristo. Essa figura pode emergir nos sonhos como um aspecto da sombra pessoal, na forma de uma pessoa que idealizamos. Acho que as diferenças entre o que desprezamos e o que idealizamos são muito obscuras. Se uma coletividade tiver uma auto-estima muito baixa, a sombra pode emergir nessa coletividade como uma espécie de salvador. Foi o que aconteceu na Alemanha, na 1ª Guerra Mundial. A Alemanha estava batida, esmagada e denegrida. Era inevitável surgir o anseio por um salvador numa coletividade nesse estado. Isto soa terrivelmente herético, mas acho relevante sugerir que não apenas o diabo seja uma figura arquetípica da sombra, mas Cristo também o é.

Uma pergunta recorrente que surge com relação a essas figuras é: o que fazer, de fato, com elas? Gostaria que se lembrassem de uma coisa que mencionei em outra palestra: essas imagens da psique tendem a procurar se encarnar ou obter uma expressão concreta na vida. Uma das melhores formas de trabalhar com essas imagens internas é pintá-las. Pode ser que achem isso terrivelmente simplista, mas, na verdade, pintar uma imagem como esta é realmente um processo muito mágico, principalmente se aparece uma figura assustadora ou perturbadora no sonho. E as figuras da Sombra frequentemente são de pesadelo. É muito produtivo sentar com algumas folhas grandes de papel e algumas cores boas, brilhantes, creions ou tintas de cartaz e tentar deixar a imagem se retratar. Na verdade, é melhor se você não for um artista, porque, nesse caso, não vai se preocupar em pintar alguma coisa digna do Museu Metropolitano.

Outra coisa muito importante a respeito dessas imagens é que elas estão vivas, e se comportam como os outros seres vivos. Se você lhes der valor e atenção, elas respondem. Como são energias vivas, reagem ao interesse. Se o seu interesse for suficiente para reservar uma hora por dia para dar tanta energia a esses seres internos da psique como você comumente dá às coisas externas e concretas, muito frequentemente começam a ocorrer mudanças. A argila é outro bom instrumento para se trabalhar. O inconsciente começa a se descrever de formas imprevisíveis. Pequenas coisas se introduzem no desenho, às vezes de forma bem compulsiva. Se você continuar trabalhando sem tentar julgar ou analisar, simplesmente deixando que o retrato se faça espontaneamente, pode acontecer uma coisa difícil de definir, mas que parece uma tremenda liberação de energia. É assim que se começa a deixar a figura entrar na consciência. Se você trabalha com esses desenhos, freqüentemente a imagem aparece ligeiramente diferente nos próximos sonhos. Pode ser um pouco menos assustadora, e mais abordável. Pode ser que, inicialmente, seja uma figura aterrorizante, dessas que perseguem e ameaçam. Se você reserva algum tempo para formulá-la de forma criativa, muitas vezes no próximo sonho ela ainda pode ser desagradável, nojenta, e dizer-lhe coisas más, porém é possível que fale com você em vez de simplesmente tentar matar. As imagens têm um grande poder de conter e transformar a energia. Tudo que se pode fazer é confiar no processo e continuar trabalhando nele. Outro bom método de formulação é escrever uma história sobre a figura, mas é preciso tomar muito cuidado, no sentido de impedir que o intelecto funcione como censura.

Auditório: E Se a força for invisível? Eu tive essa experiência. A sensação é aterrorizante, mas não havia imagem visível.

Liz: Mesmo sem uma figura definida, há outras coisas que podem ser expressas criativamente. Você pode sentir o ar da coisa, ou encontrar uma cor que por si mesma expresse parte desse sentimento. Você pode apenas desenhar uma nuvem cinzenta: mas se se sentar com alguns creions e ficar brincando com a nuvem cinza, pode ser que descubra que alguma coisa começa a tomar forma no meio. Não importa que seja ou não uma figura humana reconhecível. Durante muito tempo, trabalhei com uma pessoa que costumava pintar folhas inteiras de preto. Um dia, ela começou a diluir o preto e começaram a se formar nuvens. Acho que você deve assumir a postura de uma criança em relação a essas coisas, pois, de outra forma, simplesmente parece ridículo. Mas uma criança, ou a criança dentro de nós, consegue entrar nesse mundo mágico e leva-lo a sério. As maiores mudanças podem acontecer dentro da pessoa, se ela simplesmente permitir que o inconsciente trabalhe sobre o ego dessa forma.

Outra forma de trabalho diz respeito ao corpo. Esta é uma abordagem totalmente diferente ao reino da sombra. Você pode tentar sentir onde a energia está bloqueada ou acumulada em diferentes áreas do corpo. Para muitas pessoas, as imagens são menos acessíveis que as sensações corporais. Existe, é claro, todo um movimento na psicoterapia que lida com a liberação da energia psíquica que ficou retida no corpo. Talvez a sombra viva no seu estômago, e você a encontre como aquela conhecida má digestão ou cólicas. Ou talvez more na sua cabeça, e você a encontre como enxaqueca. Ou talvez se manifeste como dor nas costas ou como manchas que aparecem no rosto, sempre que uma situação constela a sombra.

Auditório: Você acha que fazer rabiscos ajuda?

Liz: Provavelmente, mas de alguma forma sinto que não é a mesma coisa que permitir que a imagem se retrate. Se você quer conhecer alguma parte sua que está escondida, acho que deve convidá-la para jantar e ir até o fim. O único problema com essa área de trabalho que envolve as imagens da fantasia é que nem sempre é a melhor coisa para se tentar fazer sozinho. Algumas vezes, é preciso orientação, porque mesmo que você fique se dizendo que é bobagem, pode acabar se assustando muito com o poder das imagens e dos sentimentos que surgem de uma sessão de pintura como a que descrevi.

Auditório: Será que dialogar com a figura seria uma boa maneira de controlá-la?

Liz: Acho que a questão não é controlar. Mas sim ter um diálogo imaginário, o que, muitas vezes, é proveitoso. Se se tornar desagradável, você pode cortá-lo imediatamente. Mas você pode conseguir algumas pistas com as perguntas que fiz no começo. Pode fazer uma imagem do tipo de pessoa que você despreza e começar realmente a conversar com ela na sua fantasia, perguntando coisas assim: "Quem é você? Eu ofendi você? Como você se sente a meu respeito? - e por aí afora.

Auditório: Parece que a sombra é muito parecida com o animus e a anima.

Liz: Acho que o uso desses termos implica uma separação do material psíquico em compartimentos artificiais. Isso é muito útil, mas na prática a divisória entre essas duas figuras é muito mais nebulosa do que os termos sugerem. Na nossa tentativa de compreendê-las e integrá-las em nossas vidas, traçamos linhas demarcatórias entre elas que, na prática, não existem tão nitidamente. A figura da sombra tende a pertencer ao próprio sexo da pessoa, porque é um aspecto da própria personalidade masculina ou feminina e está mais próxima da consciência. A figura transexual está mais longe da consciência e parece muito menos pessoal. Muitas vezes, elas têm as mesmas qualidade de uma forma ligeiramente diferente. Sem dúvida, se misturam.

Por exemplo, vamos considerar o tipo do homem muito refinado. Isso se vê muito num mapa com bastante ar, onde haja uma ênfase em Gêmeos, Aquário ou Libra. O princípio masculino expresso através desse tipo de mapa fica mais á vontade na expressão intelectual, e para uma pessoa assim é muito importante ser civilizado, refinado, claro e racional. Frequentemente existe, por principio, uma aversão pela agressão. O lado da sombra dessa pessoa muitas vezes é um malandro. Você pode ouvir esse homem verbalizar o seu menosprezo pelas expressões mais básicas da masculinidade. Ele nunca vai se reunir no bar com a rapaziada, jogar rugby, participar do tipo de conversa grosseira que se espera sempre que um grupo de homens se reúne. Acha que esse tipo de coisas está abaixo dele. Em geral abomina a violência. Pode ser um pacifista ou um filósofo entusiasta. Nunca bate numa mulher nem a trata de forma ostensivamente desrespeitosa. Evidentemente, o que estou descrevendo é uma caricatura, mas as pessoas muitas vezes são caricaturas. E, para esse tipo, a sombra frequentemente vai aparecer nos sonhos como um bandido, um gorila grande e peludo, ou uma pessoa muito brutal, machista e grosseira.

O inverso também acontece. É o caso clássico do homem muito macho que tem horror a tudo que possa ser considerado efeminado. Nunca é visto vertendo uma lágrima ou demonstrando qualquer sentimento. Tem de estar por cima, de todas as formas imagináveis, e a idéia de precisar de uma mulher lhe parece intolerável. Precisa estar sempre com o controle. É durão, pragmático e competente. E a sombra muitas vezes vai surgir como uma figura altamente espiritualizada, um tanto andrógina. Para esse tipo de homem, chegar a um acordo com a figura da sombra é, em geral, um processo bastante difícil. Mas se isso for possível, o espectro da vida a ser vivida se amplia muito. O homem pode acabar se sentindo à vontade com as várias facetas do masculino, em vez de ter de se agarrar desesperadamente a uma só.

D. H. Lawrence certa vez observou, com muita propriedade, que as mulheres são ou esposas ou amantes. Aparentemente ele penetrou num problema fundamental da sombra das mulheres. Se uma mulher se identifica totalmente com a mãe e esposa, muitas vezes a sombra se formula como a prostituta. Quanto mais respeitável é uma mulher, quanto mais devotada, altruísta e dedicada à família ela se torna, tanto mais promíscua e rebelde vai ser a sombra. Você também pode observar isso ao contrário. A mulher muito liberada e independente pode ter uma sombra terrivelmente convencional. É muito comum encontrar a mulher de carreira que detesta a dona-de-casa e sente enorme desdém pela mãe que fica em casa e cuida dos filhos. Para ela, isso é ser fraca, desprezível, subdesenvolvida. E a sombra, geralmente, é alguma coisa saída diretamente de uma cidade do meio-oeste americano, com toda a sua intolerância e conservadorismo - e com toda a sua riqueza, estabilidade e força, se conseguisse abordar essa figura com mais tolerância e descobrir o que ela pode ter a oferecer.

Em muitos sentidos, a figura transexual é mais Profunda, e a pessoa tende a se apaixonar por essa imagem, porque ela oferece a possibilidade de maior plenitude. Porém, muitas vezes, a sombra e o objeto do amor partilham as mesmas qualidades. Aquele homem altamente espiritualizado, refinado, ético, que acabei de descrever, pode ter uma sombra muito primitiva, e também pode ter a tendência a se apaixonar por mulheres muito primitivas. Mas quando encontra essas qualidades no seu próprio sexo, ele as detesta. No caso das mulheres, ele se sente atraído, e aí temos aquela curiosa dicotomia: a mesma coisa é idealizada e detestada. Se aquelas qualidades aparecem sob o disfarce do sexo oposto, você pode apaixonar-se por elas; se aparecem

sob o disfarce do seu próprio sexo, pode afastar-se delas.

É muito interessante trabalhar com o horóscopo tendo essas coisas em mente. Você pode examinar pontos como o FC, o Descendente e Saturno, e também quadraturas e oposições em que o planeta, em um dos lados do aspecto, descreve as qualidades ou impulsos inaceitáveis para o ego. É muito mais produtivo tentar achar uma imagem para essas colocações astrológicas e pinta-las, do que analisa-las e descobrir palavras-chave para descrevê-las. Você pode encontrar uma figura, nos contos de fada, que lembre, de alguma forma, aquelas qualidades, ou uma figura mítica, ou um personagem de um filme ou de um programa de televisão. Mas acho que é importante trabalhar com imagens, em vez de conceitos. Não só ajuda internamente, mas também ensina coisas sobre a astrologia que não se aprendem nem com livros nem com palestras.

Agora, eu gostada de tocar no assunto da sombra coletiva, porque isso diz respeito à pergunta que fiz no começo, sobre o tipo de preconceitos raciais ou ideológicos que temos. Sempre fico impressionada com o fato de que, quando acreditamos estar sendo mais objetivos a respeito de nossos pontos de vista políticos, ou nossa filosofia religiosa, é quando estamos realmente sendo mais pessoais e a sombra pessoal aparece com maior regularidade. Quando você se envolve num conflito partidário, pode ver essa dinâmica funcionando com muita clareza. Por exemplo: existe a velha questão do comunista e do fascista, do seu eterno ódio mútuo. Você começa a perceber que isso vai além da política quando põe de lado os exemplares de *Mein Kampf* e *Das Kapital* e tenta formar uma imagem de como acha que são essas detestáveis pessoas da esquerda ou da direita. Pode ser que descubra algumas coisas significativas a seu próprio respeito e por que, em última análise, você precisa ter opiniões políticas, fortes convicções e uma premente necessidade de transformar o mundo. Não estou sugerindo que não devamos nos preocupar com o mundo. Mas a descoberta da própria psicologia, no meio do que parecia ser um ponto de vista político objetivo, tende a nos tornar um pouquinho menos seguros da absoluta veracidade dos argumentos. Mesmo que isso não destrua a sua eficácia, ou a sua dedicação na promoção das mudanças sociais, pode torná-lo um pouco mais tolerante. Se você se toma um pouco mais tolerante, o ponto de vista que defende pode se tornar um pouco mais realista e mais passível de ser vivido na prática por você e pelos outros, o que talvez seja uma evolução em relação à agressiva pregação de algo que

ninguém pode viver, de tão inacessível, teórico e desvinculado da realidade humana.

A questão do preconceito racial também é extremamente interessante. Não gostamos de acreditar que temos preconceitos, mas desconfio que ninguém esteja livre deles, porque não há pessoa sem sombra. Esses preconceitos podem não estar na área em que você acredita que estejam. As questões raciais podem ser muito menos evidentes, e a pessoa pode mesmo não saber quando elas vão aparecer, até que, de repente, uma situação as desencadeia. Então, qual é a sua imagem do grupo específico que você teme ou que lhe desagrade tanto? Novamente, é possível que descubra alguma coisa interessante a seu próprio respeito. Uma das coisas que me fascinou durante muito tempo é como as figuras pretas aparecem nos sonhos das pessoas brancas, e as figuras brancas aparecem nos sonhos das pessoas pretas. Acho que o que fazemos é olhar as características físicas de uma pessoa ou de um grupo racial e então projetá-las numa imagem psíquica. Em outras palavras, transformamos pessoas físicas em símbolos que têm algo a ver conosco. O mesmo tipo de coisa acontece entre os judeus e os católicos, e entre os judeus e os alemães. A mesma coisa ocorre na forma como projetamos a luz na figura do guru indiano. Já perguntei a muita gente a respeito das associações que fazem quando um guru ou um ashram aparem nos seus sonhos, e em geral me dizem que acham todos os indianos místicos e espiritualmente iluminados.

É evidente que não se pode fazer esse afirmativa sobre todos os indianos, nem sobre qualquer outra coletividade. Mas o guru é uma imagem, um símbolo de uma qualidade de espiritualidade que pode ser inconsciente na pessoa que teve o sonho.

Aparentemente, é como se olhássemos as qualidades físicas dos outros seres humanos e as traduzíssemos em algo simbólico, em algo psíquico. Se há alguma coisa "escura", no sentido psicológico, com a qual você está tentando chegar a um acordo, então uma pessoa fisicamente moura vai lhe proporcionar o gancho. O problema é que "escuro" pode significar muitas coisas diferentes, de acordo com o indivíduo, e nenhum desses significados pode ter a ver com a pessoa preta real que é o gancho. Se a questão é de "luz", tendemos a fazer a tradução para algum objeto físico. Isso abre uma área onde, no fundo, acho que não podemos desvincular a situação pessoal da coletiva. Todos nós temos fantasias secretas a respeito de grupos coletivos. Embora seja bastante improvável que qualquer pessoa aqui presente, dado o tipo de estudo que nos interessa, vá sair correndo e ingressar na

Ku Klux Klan ou no National Front, essas figuras aparecem nos sonhos dos indivíduos de mente mais liberal, e pode ser um pouco chocante descobrir um nazista ou um homem da Klan na sua própria psique, você que se achava tão iluminado. Todos nós sonhamos com Ronald Reagan, Brejnev, Margaret Thatcher e o Ayatollah. Mas essas não são apenas figuras coletivas. Também têm algo a ver com você, se elas aparecem nos seus sonhos.

Na verdade, as fronteiras entre o pessoal e o coletivo são muito vagas. É possível, e apenas isso, que, se uma pessoa puder trabalhar com o lado pessoal - no fundo, é realmente só o que podemos fazer -, no fim das contas, essa pequena contribuição poderá afetar o coletivo maior de formas despercebidas.

Outra área interessante para se observar isso é a nossa reação às grandes crises coletivas. A esse propósito, quero mencionar a conjunção de Saturno e Plutão, ocorrida pela última vez entre o fim de 1946 e 1948. Esses dois planetas estavam em conjunção em Leão. Como acho que Plutão tem alguma ligação com a sombra coletiva, o grupo nascido sob a conjunção Saturno-Plutão me interessa. Também há um aspecto de quadratura que ocorreu entre Saturno e Plutão, quando Saturno estava em Touro, e uma oposição que ocorreu por volta de 1930 quando Saturno estava em Capricórnio. Houve uma conjunção Saturno, Plutão anterior, ocorrida durante a 1ª Guerra Mundial. Esses dois planetas se tocam com regularidade durante o decorrer de um século. Na verdade, vão formar nova conjunção no final de 1982.

Saturno me parece representar, entre outras coisas, a linha fronteira do ego. Marca onde eu termino e você começa. É meu senso de separação, minha estrutura, meu anel de defesas. Ter Saturno ligado a Plutão ou, aliás, a qualquer um dos planetas exteriores, significa que alguma coisa do coletivo está invadindo e rompendo a minha linha fronteira. Se Saturno toca um desses planetas, há uma espécie de permeabilidade aos movimentos e correntes operando no fundo do inconsciente coletivo. Se Plutão está envolvido, essa coisa com a qual se está ligado é a escuridão coletiva. Não acredito que foi por acaso que a conjunção Saturno-Plutão ocorreu no meio, ou logo depois das duas grandes guerras que tivemos neste século. A primeira conjunção ocorreu bem no meio da 1ª Grande Guerra, e a segunda veio logo depois da 2ª Grande Guerra.

Não vou fazer nenhum comentário sobre o fato de que haverá uma terceira conjunção em 1982 e 1983.* Mas tenho a sensação de que, de alguma forma, o que chamamos de "guerra" é uma erupção da sombra coletiva. Estou bem certa de que a última guerra teve muito a ver com esse tipo de erupção de agressão e violência. Se quer ter uma idéia de como isso se relaciona com você, pense nas suas reações quando aparece na televisão algo do tipo Holocausto. Onde, em você, estão o nazista e o judeu?

Auditório: Eu estava pensando sobre Hitler, e como nos consideramos à parte dele. Pode ser que a maioria de nós não chegue a um acordo com a sombra pessoal, e então ela se torna coletiva. Talvez, em certo sentido, todos sejamos responsáveis por Hitler.

Liz: É, acho que concordo com você. Tenho encontrado muitos sonhos das pessoas com as quais trabalho, em que aparece a figura de Hitler, e isso acontece tanto com homens quanto com mulheres. Sempre pergunto à pessoa que associações faz com Hitler, porque variam de pessoa para pessoa. Mas a figura geralmente se refere a alguma coisa tirânica e ditatorial no indivíduo. Muitas vezes a questão do ódio de Hitler aos judeus é relevante, porque, frequentemente, o judeu é uma figura simbólica para muita gente. O claro super-homem ariano caçando o bode expiatório escuro está relacionado com o problema íntimo da pessoa.

Uma das coisas que descobri com a conjunção Saturno-Plutão é que as pessoas que nasceram com ela parecem carregar a qualidade de quem passou pela guerra. É difícil descrever, mas descobri alguns traços altamente paranóicos com Saturno-Plutão, principalmente paranóia a respeito de multidões e massas. Sempre que dirijo um grupo, as pessoas de Saturno-Plutão ficam no fundo. Não querem pertencer a nenhum grupo. Não confiam nos grupos e desconfiam dos líderes, principalmente líderes que exijam qualquer tipo de obediência.

*Esta palestra foi dada em São Francisco, em julho de 1981. No momento em que estou editando a transcrição, maio de 1982, a Inglaterra e a Argentina estão em guerra no Atlântico Sul. A guerra já ultrapassou as fronteiras locais: os Estados Unidos estão fornecendo mísseis e munições à Inglaterra, e a Rússia está fornecendo serviço de inteligência à Argentina. Há rumores de que o Peru, a África do Sul e a Líbia possam estar fornecendo armas e mísseis à Argentina, e de que há navios espies soviéticos por todo o Atlântico Sul. A conjunção saturno Plutão está começando a tomar forma.

Também encontrei muitas imagens de sonhos das pessoas de Saturno-Plutão com uma sinistra semelhança com o Holocausto. São comuns os sonhos de perseguição, assim como os sonhos em que ou se é caçado por uma coletividade raivosa, ou se faz parte de uma coletividade que persegue um bode expiatório. Já me contaram até sonhos em que a pessoa está presa numa câmara de gás. Não estou disposta a me precipitar na reencarnação para explicar este fato, pois acredito que no fim das contas a abordagem psicológica é mais proveitosa. O que acontece no mundo exterior nos serve como imagem simbólica do que acontece no mundo interior. As vividas e terríveis imagens da última guerra não são só históricas. Elas descrevem o drama mítico de uma guerra interior. Se você tem uma conjunção Saturno-Plutão, é como se a guerra estivesse ocorrendo internamente.

Auditório: E a oposição?

Liz: É muito parecido. Tem o mesmo sabor, e os motivos dos sonhos também do muito parecidos.

Auditório: Você acha que existe alguma função especial para as pessoas de Saturno-Plutão?

Liz: Acho que há algum tipo de responsabilidade para quem nasceu com esses aspectos. Acredito que isso se aplique a Saturno e a qualquer planeta exterior. Para mim, significa que você tem um dom, que é potencialmente capaz de canalizar ou mediar poderosas imagens da psique coletiva e dar-lhes forma. Saturno é o construtor das formas. Acho que significa dar uma forma criativa à sombra da raça. Talvez também signifique você estar tentando fazer alquimia numa fatia do coletivo que inicialmente não parece ser muito bonita, e que talvez fosse melhor se a reconhecesse.

Auditório: E a quadratura?

Liz: Qualquer contato entre Saturno e Plutão toca nessas questões. Evidentemente, muitas pessoas têm esses contatos. Estou me concentrando na conjunção porque é o mais evidente. Mas já constateei essa paranóia a respeito de multidões em todos os aspectos Saturno-Plutão, junto com um horror de ser controlado por qualquer coisa ou qualquer pessoa. A claustrofobia é um sintoma comum que encontrei nesses aspectos - claustrofobia literal, o horror de ser confinado num espaço pequeno com muita gente.

Auditório: Como você acha que se pode trabalhar com esses aspectos num mapa?

Liz: A minha forma pessoal de ver é que as energias que simbolizamos astrológicamente através dos planetas, signos e aspectos são a matéria de que somos feitos. Os alquimistas diriam a *prima materia*, a substância básica com a qual o trabalho começa. Um horóscopo, para mim, é um mapa pictórico de uma fatia da substância básica que é, por assim dizer, dada a você no nascimento junto com um bilhete: "Faça o que puder com isso." Se recebe uma fatia que contém Saturno-Plutão, você vai trabalhar não apenas com a questão pessoal do poder, da agressividade e da paixão primitiva, mas também com a sensibilidade ao problema da coletividade maior, em relação aos mesmos ingredientes. A figura da sombra pessoal dentro de você, sobre a qual estivemos falando, pode ter ressonâncias de algumas das figuras da sombra coletiva que a história tem posto para fora - principalmente o tirano. E se este for o caso, é com isso que você precisa trabalhar internamente, para descobrir uma maneira de dar forma e canalizar uma tremenda força. Ao mesmo tempo, você está fazendo alguma contribuição à coletividade, cujos deuses, no momento do seu nascimento, passavam maus bocados com as paixões primordiais. Acho que há alguns contatos planetários que são mais fáceis do que outros, e seríamos tolos se não admitíssemos esse fato.

Auditório: Você acredita que um aspecto Saturno-Plutão em trânsito sobre algo no mapa natal signifique que a pessoa precise se envolver com os grandes acontecimentos históricos?

Liz: Eu não sei. Não creio que um trânsito possa fomentar nada num mapa que já não esteja potencialmente lá, em primeiro lugar. Nem todas as pessoas são atraídas para o envolvimento com os acontecimentos externos dessa forma. O que acho provável é que a conjunção reflita um dilema de poder e um problema da redenção da besta. Se atingem o seu mapa, esse dilema e esse problema vão aparecer na sua vida de acordo com a sua forma especial de vivenciar as coisas. Quanto ao alcance histórico, não sei.

Auditório: E o trígono e o sextil?

Liz: É o mesmo par de planetas. Acho que o trígono significa que o tom do sentimento é menos ofensivo para a pessoa do que a quadratura. A besta talvez seja um pouco menos aterrorizante, ou a pessoa talvez seja um pouco menos inclinada a reprimi-la e condená-la de saída. Há mais possibilidade de existência de um canal natural para o escoamento dessas forças. Se há algum planeta interior fazendo um trígono ou um sextil com a conjunção, quadratura ou oposição Saturno-Plutão, há uma área relativamente acessível na vida através da qual o

primitivo pode ser canalizado. É mais fácil trabalhar com essa figura.

Auditório: Acho que quando Plutão, que é um planeta muito forte, faz conjunção com Saturno, que também é um planeta muito forte, o resultado é uma coisa tremenda. Mas não há forma de escapar, certo? Se você continua no mesmo caminho, e olha a coisa de frente, há uma tremenda energia que vai desembocar no coletivo e que é ainda maior que os dois planetas no começo.

Liz: Não estou conseguindo entender o que você quer dizer.

Auditório: Quando está dando um passo na direção certa, você está liberando energia, e essa energia é mais poderosa que a energia dos dois planetas no começo.

Liz: Sim, agora entendi. Estou certa de que você tem razão. Só posso comentar como isso pode funcionar no indivíduo, porque não posso medir o coletivo. Mas já vi Saturno-Plutão fornecer as maiores reservas interiores de força e profundidade, se a pessoa realmente enfrenta a sua besta.

Auditório: Se uma pessoa nasce com um aspecto Saturno-Plutão, você acredita, como eu, que quando há um aspecto Saturno-Plutão em trânsito, essa pessoa é atraída para problemas de importância social?

Liz: As questões psicológicas no indivíduo ganham relevo ao mesmo tempo que a mesma questão está se desenvolvendo no coletivo. Se há uma guerra ocorrendo externamente, ao mesmo tempo a pessoa de Saturno-Plutão se torna muito consciente de sua guerra interior, nem que não esteja ativamente envolvida na guerra exterior.

Auditório: Mesmo que a conjunção atual Saturno-Plutão não esteja aspectando nada no mapa natal?

Liz: Sim, acredito que sim. Pelo menos é o que tenho observado. Por falar nisso, quero dizer que não encaro a questão de Plutão e da sombra coletiva em termos de mal ou de maldade. Entendo a energia plutoniana como arcaica, primitiva. É a natureza bruta, a pré-civilização. Recebi várias observações, nos intervalos entre as palestras, no sentido de que alguns de vocês acham toda essa questão da sombra terrivelmente pessimista. Acredito que seja, para alguns de vocês; mas a sombra é parte da vida e acho que devemos encarar qualquer aumento da compreensão da vida como criativo.

Creio que também estou de acordo com o ponto de vista junguiano sobre as camadas da história que trazemos dentro de nós. Se pegar uma pessoa do século XX e tirar a casca externa da consciência

racional, você vai descobrir uma pessoa medieval, e a visão do mundo da mente medieval é muito diferente da nossa. Para o homem medieval, o universo era maravilhoso e espantoso - um imenso ser vivo interligado. Daí, aqueles estranhos registros de hierarquias de anjos e leis de correspondências. Estas constituem o arcabouço da moderna astrologia, embora, em geral, tenhamos esquecido essa herança. Mas pode-se ler alguém como Paracelso, que escreveu sobre Marte, o ferro, a cor vermelha, o sangue, os carvalhos, tudo fazendo parte da mesma substância.

Portanto, debaixo da consciência do século XX, você encontra a consciência medieval. Debaixo da consciência medieval, encontra a velha Grécia com seu rico panteão de deuses pagãos. Debaixo da Grécia, com sua imaginação mítica e sua brilhante e inocente investigação do universo - que no fim se tornou ciência -, você encontra o primitivo. E a mentalidade primitiva é completamente anímica. Há espíritos nas pedras, demônios nos fios e fantasmas ancestrais nas árvores, e a terra está cheia de grandes poderes primordiais diante dos quais a pequena consciência do ego humano é muito, muito frágil. É como uma pequenina vela num grande quarto escuro. É preciso trabalhar exaustivamente para manter a vela acesa e é preciso aplacar os terríveis poderes da natureza, dos quais os maiores são a procriação e a morte. É nesse nível mais básico, mais primordial, que vejo Plutão. Não é uma força do mal, mas uma coisa absolutamente não-civilizada. Não contém nem mais nem menos mal que a própria natureza.

Quando essa força irrompe no nosso mundo ocidental do século XX, como acho que aconteceu durante a última guerra, e como acho que acontece em casos individuais de colapsos psicológicos, sua aparência não é muito bonita. Mas isso se deve muito à área na qual surge, e por causa da total incompreensão a seu respeito. Simplesmente não podemos acreditar que tais paixões possam ainda existir dentro de nós. Tornamo-nos incrivelmente arrogantes com o desenvolvimento de nossa consciência. Se você tentar olhar, com olhos mais simbólicos, a Alemanha e sua posição na última guerra, e se der uma olhada na história da Alemanha, verá que é a única nação européia que nunca foi romanizada. A Alemanha era pagã, adorava Wotan, que no mínimo é um deus louco, caótico. Então ela foi abruptamente cristianizada, apressadamente, sem os séculos do lento processamento romano. Todos os outros países da Europa evoluíram gradualmente dos antigos deuses pagãos para a era cristã.

Imagino que a Alemanha como uma psique coletiva com uma espécie de vácuo em seu centro, e nesse vácuo Wotan começou a se infiltrar. A cristianização da Alemanha nunca foi muito eficaz. Todas as seitas verdadeiramente poderosas, caóticas e heréticas da Idade Média tendiam a surgir na Alemanha, como a dos flagelantes. Na Alemanha, surgiram vários líderes e cultos místicos e violentos que ameaçaram a estrutura da Igreja. Acho que Wotan estava tentando se infiltrar desde aquela época. Recomendo a vocês a leitura do ensaio de Jung sobre Wotan, porque, sem dúvida, a erupção da Alemanha neste século foi o ressurgimento de um poderoso espírito pagão.

Se considerarem o conteúdo interno da última guerra como uma energia pagã e primitiva explodindo através de um verniz de aparente civilização, poderão começar a perceber que essas forças podem irromper em qualquer lugar. A única diferença entre a Alemanha e as outras nações ocidentais durante a guerra é que as outras países tinham uma camada extra de pele romanizada que lhes permitia controlar um pouco o primitivo. Mas, até nos países "bons", o mesmo anti-semitismo e a mesma selvageria ficaram explodindo. Agora, isso embaraça terrivelmente a todos, e a coisa é diminuída. O sentimento anti-semítico na Inglaterra não é mais discutido, embora fosse muito forte durante a guerra. É muito conveniente colocar a sombra coletiva na Alemanha, historicamente, porque isso nos faz sentir melhor.

Estou inclinada a acreditar que não se trata realmente de uma questão de mal, mas sim de desequilíbrio e dissociação.

Auditório: Isto significava que Deus, de fato, não está de nenhum lado - ele joga no conjunto.

Liz: Minha tendência é simpatizar tanto com a filosofia grega como com o neoplatonismo renascentista. Acho que há muitos deuses diferentes, ou aspectos de uma coisa central, e acho que os diferentes deuses tomam diferentes partidos. Homero falou muito sobre isso quando escreveu a respeito da guerra entre gregos e troianos na *Ilíada*. Alguns deuses se alinharam com a Grécia e alguns com Tróia, e lutaram entre si no campo de batalha, entre os soldados humanos, e também lutaram entre si através de manobras e artimanhas no Olimpo. São todos deuses, mas brigam entre si. Isto é o que o horóscopo diz - as quadraturas e oposições refletem a briga dos deuses, que nos leva de roldão.

Acho essa maneira de encarar as coisas muito válida, e se ela o deixa zangado e pouco à vontade, é ainda mais válida. Receio que, para trabalhar os próprios problemas - para não falar dos problemas

dos clientes - com um mínimo de senso de responsabilidade, seja preciso abrir mão do luxo de acreditar que sempre se pode ver o que é certo. No final, parece haver uma qualidade de consciência profundamente impregnada em nós. Mas, ser capaz de viver com a sua própria incerteza é, na minha opinião, a dádiva mais preciosa que se pode oferecer a um cliente - principalmente com relação à sombra. Você pode se permitir ser muito tolerante com um cliente cujo lado escuro é bem diferente do seu, porque, nesse caso, consegue ser relativamente objetivo e encarar a coisa toda com compaixão. Você pode dizer de que maneira a pessoa poderia chegar a melhores termos com o que ela despreza dentro de si. Mas, se a sombra é parecida com a sua, que Deus o ajude, porque não há forma de responder a não ser com seus próprios sentimentos. De repente, você se vê ligado ao cliente, e não consegue mais ser distante, superior ou objetivo. Você não é o astrólogo onisciente sentado na cadeira com um horóscopo à sua frente. Esse cliente vai fazê-lo sentir-se desconfortável, e isso é uma coisa maravilhosa, porque aí você começa realmente a se colocar na leitura do horóscopo. Se conseguir viver com um pouco de incerteza e um pouco de confusão a respeito do que você acredita ser a natureza do mundo, e sobre a veracidade ou não de suas crenças, é possível que consiga se abster um pouco de tentar dirigir o seu cliente - consciente ou inconscientemente - para o tipo de transformação que acredita ser conveniente para ele. Acho que a gente nunca consegue se livrar desse problema, por mais que passe anos tentando. Eu, com certeza, não consegui. Não conheço ninguém que tenha conseguido. Não conheço nenhum analista que tenha conseguido, e é por isso que os analistas aceitam a responsabilidade de continuar fazendo sua própria análise durante tantos anos.

Auditório: Leão altera de alguma forma esse significado de Plutão?

Liz: Acho que o planeta tenta encontrar expressão através do veículo do signo no qual está colocado. Se Plutão tem algo a ver com os impulsos mais básicos e mais arcaicos dentro de nós, então vai tentar achar um lugar na consciência do indivíduo, quando está em Leão. Vai tentar se tornar criativo nos indivíduos. Em parte, vejo Plutão como uma espécie de matriarca coletiva, de coletivo primitivo. Suponho que Urano seja um pouco mais como o Renascimento coletivo, ou como o filósofo grego que tenta descobrir como o universo é governado. É o espírito do questionamento, tentando compreender a mente dos deuses. Platão acreditava que as idéias divinas eram a estrutura inata da qual dependia

o universo manifesto. Se você tem um contato Saturno-Urano, é essa figura que é constelada. As idéias, claro, podem ser igualmente destrutivas e criativas. Acho que não se trata de Urano ser "melhor" que Plutão. Mas acho que nos inclinamos a gostar mais dele no século XX.

Associo Netuno com a figura da vítima divina e do redentor divino. Mencionei anteriormente esse anseio místico, o anseio da raça por seu lar espiritual. É uma ânsia de se unir com aquilo de onde viemos, que podemos chamar de Deus ou de ventre materno. Esse anseio tanto pode desintegrar como vivificar a personalidade. Se você tem um contato Saturno-Netuno, então é essa figura do místico que é constelada. É interessante ver o que as pessoas fazem com esse tipo de aspecto de Saturno, porque alguns ficam do lado de Saturno, contra o planeta exterior, e outros ficam com o planeta exterior, contra Saturno. Há pessoas de Saturno-Urano, por exemplo, que se identificam muito acentuadamente com o lado uraniano. São os portadores das novas idéias para a coletividade. São os que desejam mudar a sociedade, e o que mais detestam é a força saturnina da tradição. Saturno é a estrutura inflexível, baseada no que foi testado e provado através da experiência, sem dar espaço à mudança arriscada. Saturno-Urano pode detestar isso, e assim colorir sua ideologia. Mas a inflexibilidade e a rigidez se tornam parte da sombra, e você constata que, quanto mais extremadamente iconoclastas são os pontos de vista, mais rígida é a pessoa que os defende.

Da mesma forma, as pessoas de Saturno-Netuno podem se alinhar vigorosamente com Netuno. Tenho notado que muitas pessoas nascidas com esta conjunção se retiraram da sociedade para ingressar em comunidades que elas esperam poder proporcionar a utopia alternativa capaz de abrir caminho para o lado espiritual do homem. O que detestam é o materialismo, e podem desprezar quem gasta energia para ganhar dinheiro para poder comprar uma casa e um carro. Isto é o que é desprezado, mas se toma parte da sombra, e nunca encontrei outro grupo com tantos problemas de dinheiro e manipulação do dinheiro como os grupos espirituais que acham que o dinheiro é sujo. Também há os que ficam do outro lado e se identificam com Saturno. Esses são os que condenam os visionários netunianos e dizem que todos eles são drogados e marginais, que é como Saturno vê Netuno.

Auditório: Você acha que Saturno-Netuno exige algum serviço mundano á comunidade?

Liz: Realmente não. Não acho que Netuno diga respeito a serviço mundano. Netuno trata de abrir mão do senso individual de

separação. É uma coisa interior, intangível, e quando você tenta convertê-la em boas obras ela se torna fanática. Um dos lugares onde se pode ver Netuno é no serviço da igreja, se a pessoa estiver realmente muito envolvida com ele. Há uma tremenda sensação de estar sendo elevado para cima e para fora de si mesmo, provocada pelo canto, pela reza ou pela meditação em grupo. A pessoa perde o senso de isolamento e de solidão. Num nível muito elementar, você pode ver a mesma coisa num jogo de futebol, quando o indivíduo desaparece na multidão. O que há é simplesmente uma massa de pessoas, todas torcendo furiosamente para que um determinado time vença. Netuno também pode ser visto na moda. Porque, de repente, todos começam a vestir-se de uma determinada forma? Não fazemos essa pergunta. Surge uma moda, e nós saímos e compramos uma roupa. É uma fusão numa espécie de comunidade emocional coletiva, que nos dá o senso de fazer parte dessa comunidade. A liberação de Netuno não se relaciona realmente com o serviço prático. É um sentimento de unidade com um todo maior. Se você tem Saturno em contato com Netuno, precisa descobrir uma forma de incorporar esse anseio na sua vida. Netuno tanto pode ser sublime como ridículo, mas em qualquer caso seu objetivo final é o mesmo.

Auditório: E o grupo nascido com Plutão conjunto a Urano?

Liz: Parece haver tremenda energia e também tremenda violência nesse grupo. Quando Saturno transitou por Virgem e passou por essa conjunção, muitas pessoas desse grupo explodiram. De repente, os noticiários da Inglaterra estavam repletos deles. O *rock punk* entrou em cena, e uma nova onda de violência surgiu - bandas de jovens de quatorze e quinze anos estavam agredindo gente nos ônibus e no metrô. Essa geração estava sendo ativada não apenas pela conjunção de Saturno, mas também por uma quadratura de Netuno em trânsito. A sua palavra de ordem era, em grande parte, a destruição da sociedade existente. Consigo ver um potencial muito positivo nisso tudo, e não duvido que, no fim das contas, muitas mudanças sociais válidas serão instauradas por eles, mas receio que as mudanças provavelmente não sejam nem pacíficas nem graduais, porque a conjunção Urano-Plutão é muito violenta. Saturno-Netuno é muito mais mística e visionária.

Auditório: Você acha que existe opção na nossa forma de reagir a esses movimentos coletivos? Ou somos todos predestinados por essas tendências das gerações?

Liz: Acho muito difícil responder a isso. Boa quantidade de fatores determinantes dependem da criação e do que os pais representavam. Os pais estão muito ligados à sombra pessoal; problemas com os pais também significam que há muito menos opção consciente, porque tendemos a ver o mundo como se fosse povoado por mães e pais, a não ser que tenhamos alguma consciência da natureza dos nossos laços parentais. O país em que você vive, os padrões coletivos que absorveu junto com o leite materno também têm grande peso. Você não pode se separar do coletivo e se distanciar dele. De alguma forma, é preciso que chegue a um acordo com o mundo em que você vive, e também com as correntes e tendências que vigoram durante sua vida. Mas acredito que podemos optar quanto à forma de vivenciarmos essas coisas individualmente, e, quanto mais se conhecem as pressões e influências secretas dos conflitos inconscientes não-resolvidos, tanto maior é a opção.

Auditório: Você não acha que o frio vem sempre de acordo com o cobertor?

Liz: Bom, não tenho muita certeza. É uma bela filosofia. Mas há situações em que o coletivo é mais forte e esmaga o indivíduo. Tenho a sensação de que alguns têm mais frio do que podem suportar. Num universo teoricamente perfeito, tenho certeza de que cada um receberia exatamente o tanto com que pudesse lidar. Fico impressionada com os acasos da vida. Há indivíduos que aparentemente carregam a nossa loucura.

É assim que Ronnie Laing vê a esquizofrenia. O esquizofrênico, na realidade, é a grande figura de Cristo de nossa época, porque vive a dissociação psíquica coletiva. Acho que não posso mesmo concordar com você, exceto num cosmo teórico. Posso falar em opção, mas sei muito bem o esforço gigantesco demandado para se obter até um pequeno senso de liberdade em questões muito pessoais. Acredito que muitos de nós recebem mais do que podem suportar.

Auditório: Qual é o lado luminoso da sombra?

Liz: Acho que a figura mítica que melhor representa esse lado é a figura do redentor. Se examinar qualquer uma das figuras dos grandes redentores, como Cristo, Mitras ou Dionísio, você vai ver que o redentor transforma o mundo pelo seu sofrimento. Estranhamente, é o lado sofredor e deformado da personalidade, que é tanto a sombra escura e imutável como o redentor, que transforma a vida da pessoa e altera seus valores. O redentor consegue o tesouro escondido, ou conquista a princesa, ou mata o dragão, porque ele, de alguma forma, é marcado - ele é anormal.

A sombra é tanto a coisa medonha que precisa de redenção, corno o redentor sofredor que pode proporcioná-la.

Se uma pessoa projeta isso no exterior, acredita que outra pessoa possa redimi-la. Esse é um dos fenômenos mais freqüentes na psicoterapia. O analista, ou terapeuta, pega toda a projeção da sombra, o que significa que ele é tanto aquela coisa horrível e ameaçadora como aquela coisa que vai salvar e redimir. A descoberta de que os dois extremos pertencem à própria pessoa é um choque, porém é o começa da cura dentro da pessoa.

Vou relatar um sonho, para exemplificar. O homem que teve esse sonho tem o Sol em Escorpião, com Mercúrio e Vênus também em Escorpião, tudo em quadratura com Plutão na décima segunda Casa. Trabalhei com ele durante um bom tempo e, como era de esperar, no começo o seu material onírico era muito violento e sangrento. Ele estava muito assustado com sua própria crueldade e raiva, não apenas porque achasse a coisa aterrorizante em si, mas também porque tinha tido um pai muito violento que o fez vivenciar precocemente essas qualidades. Tinha muita consciência de suas lesões, e se achava uma pessoa terrivelmente doente, com pouca esperança de transformação ou felicidade. A certa altura do nosso trabalho, teve o seguinte sonho, que provocou nele uma enorme transformação.

Ele estava no seu carro, mas não estava dirigindo. Estava no meio, e de um lado estava o seu pai. Do outro lado, na direção, estava um velho. Ele não conhecia o velho, mas sabia que o velho era um mágico, muito sábio e um curador. De repente percebeu, enquanto andavam, que estava acontecendo alguma coisa entre seu pai e o velho. De alguma forma, embora não falassem, o velho estava curando seu pai. O sonhador não tinha nada a ver com esse processo, não podia controlá-lo ou interferir nele, mas estava acontecendo no seu carro. Uma das coisas que o impressionou foi a semelhança entre seu pai e o velho.

Acho que esse sonho fala por si só. Os dois homens mais velhos se parecem, entretanto um é o terrível pai violento e o outra é o "velho sábio" de que Jung sempre fala. Não estou sendo uma boa junguiana me referindo ao velho como parte da sombra, mas é óbvio, neste sonho, que as duas figuras são duas metades da mesma coisa. O velho é aquele que compreende o significado e o propósito do problema, e tem paciência, sabedoria e compaixão para redimir. O sonhador não controla nada. Alguma coisa está acontecendo dentro dele, no seu carro, mas sem a sua interferência, e envolve a cura da violenta raiva dentro dele.

Geralmente essas figuras redentoras aparecem no meio de algum período particularmente horrível da vida. Deixam atrás de si uma sensação de esperança, mesmo que a pessoa esteja profundamente deprimida. De alguma forma, o sofrimento tem um sentido.

Creio que as religiões coletivas pegam essa figura e projetam a imagem do redentor em algum personagem histórico. Isto não significa que o personagem histórico não seja também o redentor. Eu não sei, porque não sou teóloga. Mas, psicologicamente, a figura do redentor é uma figura interior. Se a vivencia através de Maria, ou Buda, ou Krishna, ou Cristo, ou seu analista, ou seu astrólogo, você a exterioriza. Com isto, não quero dizer que você deva abandonar sua religião. Mas tanto Deus como o Diabo ecoam lá dentro.